

## **Imagens em tensão: dezoito dias de revoltas no Egito pelo ciberespaço**

FERNANDA OZÓRIO DA CONCEIÇÃO\*

A utilização de diversas imagens registradas nas manifestações do levante egípcio de 2011 e sua postagem no ciberespaço promoveram um trânsito de informações mais autônomo do que até então no mundo árabe, especialmente na África setentrional. As narrativas produzidas e compartilhadas tomaram proporções monumentais que invadiram o cotidiano de ocidentais que acompanharam os acontecimentos, nos colocando perplexos diante do diálogo com seus espaços e tempos virtuais. “A globalização também afeta a vida corrente, da mesma forma que determina eventos que se passam à escala planetária”, (GIDDENS, 2000, p. 17). A Internet passou a ser a trama tecnológica na Era da Informação, que se dá em redes de sociabilidades. A proposta, ao abordar os meios a partir de uma perspectiva que cruza história e redes de comunicação, é evidenciar que embora as narrativas estejam relacionadas com a tecnologia, quem as determinam são sujeitos em suas experiências nas instâncias sociais, políticas e culturais, gerando uma compreensão expandida sobre novos meios de comunicação digital que se manifesta de forma heterogênea. Assim, os espaços cibernéticos e seus fluxos nas redes virtuais de comunicação podem ser analisados como eventos do tempo presente que contam a história sobre os 18 dias de movimentos no Egito em 2011?

Na corrida pela informação em tempo real, a relação com o tempo tem sido objeto de reflexão “desempenhado pelo desenvolvimento rápido e pelas exigências cada vez maiores de uma sociedade de consumo, na qual as inovações tecnológicas e a busca de benefícios cada vez mais rápidos tornam obsoletos as coisas e os homens, cada vez mais depressa” (HARTOG, 2013, p. 148), de acordo com a reflexão sobre os regimes de historicidade. Como nos relacionamos com o tempo? Quais sentidos damos a ele? Em que medida nossas sociabilidades – muitas delas mediadas por tecnologias de informação e comunicação – estimulam novos regimes de historicidade? Os comportamentos das sociedades

---

\* Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC e bolsista CAPES.

contemporâneas traduzem diferentes tipos de experiências compartilhadas através das tecnologias “delineando assim um dos regimes de temporalidade do presente”.

O ciberespaço é território recente como objeto de investigação no campo da História. Entretanto, ele vem registrando e entremeando os acontecimentos históricos num trânsito de informações que tem como suporte as relações sociais e a tecnologia da comunicação. Os momentos históricos são permeados por características específicas que nos auxiliam a compreender como os sujeitos vivenciam o entendimento de seu tempo, pela experiência individual e/ou pela mediação das relações sociais que produzem representações. Ao pensar as redes virtuais de comunicação, é possível abordar um conceito mais abrangente que reúne as relações políticas cotidianas e o compartilhamento interpessoal. Quando pluralizada, a experiência individual gera sentidos na sociedade, como novas formas interagir que a própria sociedade cria para tornar cada vez mais eficiente o gesto comunicacional, as identificações e as redes de memórias. A comunicação media as ações humanas, suas experiências e relações, produzindo sentidos cambiantes e compartilhados socialmente.

Nesse sentido, o ofício de historiador tem sido cada vez mais repensado por meio das novas tecnologias digitais, uma vez que suas fontes e objetos têm sido acessados em plataformas ou banco de dados online por vezes disponibilizados pelas próprias instituições ou elaborados por outros pesquisadores. O que resulta numa forma mais flexível de organizar os processos e as informações no território de Clio, como também novos desafios a serem perscrutados nesse alargamento da dimensão histórica tramado por diversos regimes de tempo dando sentido às experiências. *Je suis convaincu*, escreveu Robert Darnton (In: DELALANDE e VICENT, 2012, p. 12), *qu’Internet modifiera le monde du savoir et que cette transformation a déjà commencé*. As fontes, captadas por câmeras digitais ou copiadas de algum site da internet, são analisadas pela tela do computador e constituem um texto a ser armazenado num acervo digital. Nesse sentido, o conhecimento histórico elaborado é construído entre o historiador-artesão e sua relação com as ferramentas de trabalho. A História tem se reorganizado, tanto do ponto de vista dos sujeitos e dos objetos a que ela se conecta, como também em relação às suas diferentes temporalidades.

Para apreender melhor esse processo tão difícil de definir e decifrar, o melhor é recorrer a imagens. Pensemos nas paisagens que, sob iluminações de diferentes intensidades e cores, conforme o dia, a hora, a estação, adquirem outras configurações, com visões cambiantes dessa paisagem imaginada e contemplada.

(...) Mas a imagem que prefiro é a do palimpsesto: o tempo presente é reescrito indefinidamente, utilizando-se o mesmo material, mediante correções, acréscimos, revisões – imagem que remete ao âmago do processo de reescrita de que fala Paul Ricoeur. (BÉDARIDA, 2006, p. 221)

Ao longo do breve século XX e XXI, o papel da tecnologia vem se tornando cada vez mais fundamental para as comunicações em massa. A participação política dos cidadãos egípcios na contemporaneidade pode ser pensada na conjuntura da globalização, com a crise de identidades que perpassam o corpus social. Para tecer esta narrativa histórica sobre os conflitos nestes inflados 18 dias, com suas entidades e temporalidades inacabadas, terei como *locus* de análise o portal de notícias da *Folha de S.Paulo*. As reportagens foram retiradas da busca no Acervo Folha online, editoria Mundo, no período: 01/11/2010 a 15/11/2012.

Na mesma esteira da reescrita da História, é preciso entender os discursos produzidos pela mídia no Brasil, por meio do portal de notícias da *Folha de S.Paulo*, sobre a temática “Primavera Árabe” no Egito. O intuito é acompanhar também a construção e a manutenção dessa plataforma de comunicação social autorizada. Algumas das notícias vêm de agências globais – como a *Agence France Press* (AFP) e a *Reuters* de Londres –, ou demais sistemas de informações internacionais responsáveis por coletar informações de interesse jornalístico, configurá-las como notícias (para formato impresso ou online) e redistribuí-las para os veículos de imprensa que são seus clientes e pagam para ter direito a publicar seu conteúdo – notícias, vídeos, fotos, coberturas encomendadas, etc. É possível que estejamos lendo as mesmas notícias, enquanto outros olhares são escolhidos para serem esquecidos. Assim, como se estruturam os discursos midiáticos que tentam organizar este acontecimento sobre os 18 dias? Eles operam selecionando representações que, segundo Bordieu (1997), “conferem ao extraordinário ordinário, isto é, previsto pelas expectativas ordinárias” e que têm suas articulações filtradas por instituições transnacionais de redes de comunicação.

Nesta questão do movimento de agenciamento é possível perceber o *Grupo Folha* ao declarar como sua ‘visão’ “Consolidar-se como o mais influente grupo de mídia do país”. Propagandista da neutralidade jornalística, a *Folha* almeja oficialmente “influenciar” mais que seus concorrentes, levantando uma das expressões do senso comum para o jornalismo ou o jornalista, o “formador de opinião”. E essa ideia prevalece na plataforma impressa do jornal *Folha* – aqui nos deteremos ao portal de notícias, plataforma online do jornal criada há 17 anos.<sup>1</sup> Por que, ao menos até pouco tempo, o portal da Folha ainda trazia no topo da sua página a frase “Primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa<sup>2</sup>”? A lembrança do “pioneirismo” na agilidade dos meios online serviria para reafirmar uma postura institucional, agregando também outros valores como pluralismo e o serviço à sociedade, induzindo seu leitor à descoberta da “verdade”.

Os “desorientados” 18 dias foram momentos dramáticos de síntese em que irrompem as revoltas, o “suficiente” para compreender os trinta anos de regime ditatorial no Egito, dando a impressão que os egípcios num certo dia “acordaram revoltados”, como uma brecha que se abre no espaço e no tempo presentistas. Assim, a temporalidades e a tecnologia auxiliam como instrumentalização das análises, pois são concepções que pungem a sociedade contemporânea, que se articula por outros meios em novas extensões do cotidiano. Atuam como uma parte organizada em meio a um sistema que nem sempre é organizado e cada vez mais hipertrofiado. Por isso, a proposta não é de esgotar as fontes, uma vez que seu objeto – a Internet – está em desenvolvimento e é inflado de conteúdos que se alteram num tempo vertiginoso.

O próprio termo “Primavera Árabe”, bastante difundido na mídia ocidental, parece também carregar uma vontade por nomear o florescimento de um milagre, qual seja, a instalação de uma potencial democracia em países até então “desconhecidos” por nós ocidentais. É também uma vontade da mídia Ocidental justificar, teleologicamente, a democracia como ponto de chegada de uma sociedade civilizada, justamente onde a

<sup>1</sup> (...) Tem por objetivos a criação, a produção e o desenvolvimento de conteúdo jornalístico on-line, além de serviços, com destaque para áreas de interatividade. Hoje, publica cerca de 500 notícias por dia..

<sup>2</sup> (...).Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/institucional/conheca\\_a\\_folhacom.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/institucional/conheca_a_folhacom.shtml) Acesso em 01/10/2012

democracia tem se encontrado em crise. Para isso, creditou-se inicialmente uma certa “espontaneidade” aos eventos produzidos por uma “nova” sociedade civil organizada e que, por sua vez, alastraram-se contaminando as diversas regiões. Esta militância na internet – *ciberativismo* – que ocorreu pelo Oriente Médio e norte da África é para o Ocidente uma novidade potencializada pela *web*. As representações contemporâneas difundidas pela mídia e no senso comum sobre o Egito ainda são as múmias, faraós e todo um imaginário popular que vai de “Indiana Jones”, passa pela “A Múmia” e, em 2013, chegou à minissérie brasileira “José do Egito”, da Rede Record, onde “[geralmente] reproduzem o *tópos* colonial segundo o qual o ‘conhecimento’ ocidental das civilizações antigas ‘salva’ o passado do esquecimento”. (SHOHAT e STAM, 2006, p. 227)

Nas revoltas no Egito, o uso dos meios digitais foi uma forma encontrada, ainda que parcial, para tornar os acontecimentos inteligíveis. E, antes de tudo, compartilhar com o mundo a experiência de um evento histórico processado numa realidade sentida – o tempo do próprio evento – dando um contorno mais nítido aos acontecimentos. A autocracia do regime de Hosni Mubarak se mostrou muito mais durável do que se imaginava. A mistura de um falso pluralismo (religioso, étnico, político), eleições sob controle e a repressão no Egito não é apenas uma “estratégia de sobrevivência” adotada pelo regime, mas um tipo de sistema político cujas instituições, regras e lógica travestiam-se de democracia.

### **A extensão do ciberespaço nas representações da vida contemporânea**

As sociedades têm se utilizado do ciberespaço como meio de comunicação e organização nas esferas de atividades cotidianas como instrumento de expressão, bem como, algumas vezes também, para contrapor a um domínio. Com isso, há uma transformação nos territórios de atuação social e política que acaba por afetar as relações geopolíticas entre cidadãos e Estados, numa guerra pela informação. “O ciberespaço tornou-se uma ágora

eletrônica global em que a diversidade da divergência humana explode numa cacofonia de sotaques” (CASTELLS, 2003, p. 115).

As revoltas que provocaram a derrubada do ditador Hosni Mubarak que esteve no poder de 14 de outubro de 1981 a 11 de fevereiro de 2011, centralizaram-se na Praça Tahrir, no Cairo, e foram marcadas por ações como cortes das redes de comunicação (internet e operadoras de celulares). O Egito sofreu um apagão eletrônico que durou cerca de cinco dias. Em entrevista à jornalista Daniela Loreto, editora de Mundo da Folha.com, um egípcio e estudante da Universidade de São Paulo (USP) (que preferiu o anonimato) contou sobre as manifestações e a articulação elaboradas nas redes.

Desde o início dos protestos no Egito - que exigem a renúncia do ditador Hosni Mubarak, no poder há 30 anos, e uma série de importantes reformas - o governo tem restringido o acesso à internet, que oscila entre a queda total e eventuais e limitados retornos. Horas atrás, no entanto, o último provedor egípcio foi derrubado, configurando a derrubada completa do acesso à rede no país. (...) O jovem diz ainda que, apesar de os manifestantes estarem isolados e sem acesso à internet, os protestos não foram prejudicados porque começaram a ser planejados há muito tempo. "Começamos a nos organizar há um ano, pela internet. Cada grupo sabe bem o que fazer", explicou. Segundo ele, cerca de 7 milhões de ativistas estão nas ruas, em sua maioria egípcios que moram fora do país. "Há muita militância fora do Egito, é mais fácil agir no exterior do que aqui dentro".<sup>3</sup>

O controle se exerceu no autoritarismo em troca de conteúdos na *web*, mas também como e em que medida, em meio à “batalha pela informação na internet”, abrem-se espaços de participação e contestação política no Egito? Em que medida a internet tem mudado as relações entre o Estado e a Sociedade? O acesso que cidadãos têm sobre a tecnologia e a disseminação de informações é uma questão de liberdade de manifestação, e as tecnologias utilizadas para a vigilância no ciberespaço miram exatamente a esfera política, e talvez por isso o egípcio entrevistado no portal *Folha* preferiu não divulgar seu nome. Isso ocorre porque a disseminação de valores e a mobilização para suas propostas formaram-se em torno

<sup>3</sup> Último provedor de internet do Egito deixa de funcionar. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/mundo/868686-ultimo-provedor-de-internet-do-egito-deixa-de-funcionar.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/mundo/868686-ultimo-provedor-de-internet-do-egito-deixa-de-funcionar.shtml) Acesso em: 01/03/2012

do ciberespaço e da mídia, meios pelos quais há a possibilidade de atingir um número maior de pessoas. De acordo com ASSANGE (2013), é pela internet que os Estados democráticos – com suas agências de espionagem eletrônica, a exemplo dos Estados Unidos<sup>4</sup> e do Reino Unido<sup>5</sup>, responsáveis pela vigilância de conteúdos –, conseguem saber quem são as pessoas mais importantes em articulações políticas contra governos, quais são os grupos e em que eventos eles se relacionam.

Mesmo em meio às instabilidades e à vigilância, manifestantes e alguns veículos da imprensa prosseguiram com a organização da circulação de informações, plurissignificando os meios de comunicação e os reconfigurando de acordo com suas emergências. Houve também, fortes intimidações a jornalistas estrangeiros que chegavam à capital para cobrir as manifestações<sup>6</sup>. A exemplo disso, em nota oficial<sup>7</sup>, o Itamaraty condenou o tratamento que jornalistas brasileiros tiveram diante dos desdobramentos da crise. Entretanto,

When the Arab revolutions began, in December 2010 – January 2011, at the very beginning of Dilma’s government, the Brazilian Ministry of Foreign Relations was not only taken by surprise — as was the rest of the world — but it also took it a long time to issue declarations condemning the abusive use of force against demonstrators. In the cases of Syria and Libya, the Itamaraty faced a dilemma of how to defend the conflicting principles of human rights and national sovereignty of two friendly regimes who were massacring their own people, not to mention the protection of Brazilian investments in both countries. (CLEMESH, 2013, p.33)<sup>8</sup>

<sup>4</sup> ASSANGE, o nome da agência NSA, 2013.

<sup>5</sup> Já no Reino Unido a agência é a GCHQ – *Government Communications Headquarters*.

<sup>6</sup> O jornalista Julian Assange tem difundido o termo “cypherpunk”: derivação (crip-tográfica) de *cipher* (escrita cifrada) e *punk* – foi incluído no Oxford English Dictionary em 2006. Como também a liberdade de comunicação na web principalmente “após a censura em 2011, na Primavera Árabe”.

<sup>7</sup> Disponível em: [www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2011/02/03/itamaraty-condena-detencao-de-jornalistas-brasileiros-e-onu-diz-que-violencia-no-egito-e-inaceitavel/print](http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2011/02/03/itamaraty-condena-detencao-de-jornalistas-brasileiros-e-onu-diz-que-violencia-no-egito-e-inaceitavel/print) Acesso em: 12/11/2012

<sup>8</sup> *Mediterranean Paper Series*. Tradução da autora:

Quando as revoluções árabes começaram em dezembro de 2010 – janeiro de 2011, no início do governo de Dilma, o Ministério das Relações Exteriores não foi o único a ser pego de surpresa – como foi o resto do mundo – mas também levou um longo tempo emitir declarações condenando o uso abusivo da força contra os manifestantes. Nos casos da Síria e da Líbia, o Itamaraty enfrentou um dilema de como defender os princípios conflitantes de direitos humanos e soberania nacional de dois regimes amigos que estavam massacrando seu próprio povo, para não mencionar a proteção de investimentos brasileiros nos dois países.

Segundo o filósofo francês Pierre Lévy<sup>9</sup>, a emergência de um “estabelecimento dessa cartografia torna-se mais urgente, já que as questões políticas, culturais, estéticas, econômicas, sociais, educativas e até mesmo epistemológicas de nosso tempo são, cada vez mais, condicionadas a configurações de comunicação” (2000, p.82). Problematizar estes discursos que transitam no limiar do real e do virtual, como extensão das relações sociais, é também refletir sobre as paisagens virtuais produzidas nas manifestações do Egito em 2011. Entendendo que estas entidades complexas se encontram em trânsito no ciberespaço e promovem desconfortos ao *status quo*, como também novas formas de se comunicar.

Os fluxos informacionais acerca da temática árabe têm crescido nas investigações, na grande mídia e na produção de discursos de si (como as redes sociais digitais), principalmente depois dos atentados aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001. A discussão é recente e demonstra sua importância, pois

Enquanto a ciência histórica se voltava para o passado mais remoto, abandonando o presente como horizonte de suas preocupações, os recursos midiáticos acabaram por tomá-lo como tempo de excelência na sua produção e é a partir dele que, instauram ou reinventam outra opção para lidar com os acontecimentos. (SILVA, 2001, p. 91)

As imagens elaboradas nestes grandes sistemas complexos (VASSÃO, 2010) são organizadas no processo continuado de produção de sentidos na sociedade – que também as cria e recebe –, oferecendo uma noção contextualizada dos acontecimentos. Elas engendram uma capacidade narrativa que atualiza memórias, inventa vivências, imagina a história e compõe a intertextualidade muito própria do tempo presente. É preciso uma compreensão ampla das possibilidades de comunicação destas imagens, que são investidas de sentidos. Ou seja, procura-se apreender a fragmentação dos sujeitos, os sentidos e as tensões culturais, políticas e sociais em suas instâncias performáticas e em meio às articulações de discursos. Nesse processo “a imagem não fala por si só; é necessário que as perguntas sejam feitas”. (MAUAD, 2004, p.26)

<sup>9</sup> No livro *Cibercultura*, Pierre Lévy analisa as transformações culturais e as interconexões surgidas na constituição das redes sociais digitais.

As causas das revoltas generalizadas no norte da África e no Oriente Médio – contexto em que se insere o Egito, um dos países mais populosos e influentes no mundo árabe – vêm em resposta a regimes corruptos e extremamente autoritários, com altos índices de desemprego que, por sua vez, denunciam uma situação econômica instável e com altas inflações. Além disso, a região é palco de disputas geopolíticas pelas nações do Ocidente por ter o petróleo como papel central em seu desenvolvimento econômico. Mesmo assim, a população continua a buscar por seus direitos e essa ineficiência governamental perdura mesmo em 2013, com o Egito recorrendo à ajuda econômica de vizinhos, como o Irã.

Ao longo de três décadas, o governo Hosni Mubarak manteve características autoritárias que se agravaram diante das revoltas. Houve uma série de revoltas com grandes repressões do governo. O canal de TV Al Jazira denunciou que o governo Mubarak financiava armas e mantimentos para manifestantes pró-regime<sup>10</sup>. Além do Cairo, Suez e Alexandria testemunharam significativas manifestações contra o regime, entretanto, este trabalho será restrito aos ocorridos na capital do Egito, devido à maior difusão de informações sobre o que ocorreu lá. É importante lembrar que países vizinhos como Líbia, Tunísia e Síria também foram palco de conflitos internos, exercendo grandes influências sobre as articulações política, econômica e cultural em toda a região.

No Brasil, o primeiro comunicado oficial do Ministério das Relações Exteriores manifestou sua expectativa quanto ao desdobramento dos acontecimentos. Uma postura que indicou uma vontade de reorganização social e transição política sem intervenções externas:

Ao solidarizar-se com a população egípcia na busca da realização de suas aspirações, o Brasil reafirma sua confiança de que as lideranças políticas da sociedade egípcia saberão fazer face a este momento de novas oportunidades e desafios, em ambiente de entendimento e de diálogo democrático.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> *Al Jazeera diz que sua sede no Cairo foi destruída por gangues*. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/mundo/870757-al-jazeera-diz-que-sua-sede-no-cairo-foi-destruida-por-gangues.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/mundo/870757-al-jazeera-diz-que-sua-sede-no-cairo-foi-destruida-por-gangues.shtml)  
Acesso em: 13/11/2012

<sup>11</sup> *Situação Política no Egito*, site do Ministério das Relações Exteriores. Disponível em: [www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/situacao-politica-no-egito](http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/situacao-politica-no-egito). Acesso em 10/11/2012.

As revoltas de 2011 pautaram a imprensa mundial para o assunto. O tratamento dispensado ao assunto por parte de alguns dos principais veículos de comunicação do mundo geraram conteúdos em tempo integral e grandes esforços para produzir o evento. A imprensa produziu linhas do tempo, mapas e gráficos interativos, coberturas fotográficas, vídeos, consultas a especialistas, ou seja, investiram na narrativa do evento. É comum que se noticie, sempre com algum exagero, que os últimos acontecimentos mudaram as relações internacionais e as condições estratégicas locais/globais. De certa forma, as notícias da “Primavera Árabe” "abriram" esses países para o Ocidente. Depois dos atentados de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas, todo o imaginário agora é criado sobre as ondas de revoltas no Oriente. Este foi um dos acontecimentos de maior impacto na mídia internacional em relação ao Oriente e que ao contrário dos ataques terroristas, fala-se agora em “revolucionários”. A “Primavera Árabe” foi produzida também pela veiculação de informações por parte de setores diversos da comunicação. No Brasil, jornais de grande circulação, como *Folha de S.Paulo* e *Estadão*, deram destaque ao assunto criando tópicos especiais em suas plataformas *online*.



Portal Folha. Onda de Revoltas - Folha de S.Paulo



Portal O Estado de São Paulo. Primavera Árabe - O Estado de São Paulo

Sabemos que a mídia produz sentidos atribuindo significados para as coisas. Os eventos mal acontecem e já precisam se tornar inteligíveis para o público de *minuto a minuto*. Mas quais são ferramentas conceituais podemos utilizar para apreender estes agenciamentos?

Como pensar a materialidade destas imagens produzidas pela mídia? Ou, como questiona Henri Bergson (2010, p. 28), “como imaginar uma relação entre a coisa e a imagem, entre a matéria e o pensamento, uma vez que cada um desses dois termos possui, por definição, o que falta ao outro?”.

É papel da mídia testemunhar os acontecimentos e produzir agenciamentos de sentidos por meio de discursos. Portanto, qualquer reflexão sobre mídia deve levar em consideração suas estratégias para a produção da escrita e apropriação das imagens que, neste caso, vincula-se também ao meio digital. Para produzir uma narrativa que organize esse disperso conjunto de informações é necessário entender as importantes articulações entre o acontecido, o testemunho e as suas operações. O processo de monumentalização do fato, o encurtamento do acontecimento – simultaneidade – e a narrativa agregam veracidade à imprensa e confirmam sua tarefa de “informar e orientar” seus leitores.

O que se considera é que a escrita da mídia tem uma particularidade, uma coerência na narrativa, que deve ser bem ponderada na História, qual seja o conhecimento e a consciência por parte do jornalista das ferramentas de persuasão pelas quais o uso da linguagem, verbal e visual, é determinante para o sucesso da recepção almejada, a qual se converterá em consumo da notícia. Sonia Meneses Silva (2011, p. 94) afirma que,

Destarte, a imprensa também tende a ser apresentada como agente de universalidade, na medida em que tem o poder de interditar, divulgar, e distribuir a história. O grande desafio é compreender os limites em cada uma dessas operações, uma vez que tanto a midiográfica como a historiográfica trabalham com os mesmos elementos fundadores: evento, tempo e narrativa.

A escolha de imagens e objetos que compõem a trama da escrita da mídia – que SILVA denominará como midiografia –, agencia ideologias e acumula rastros (RICOEUR, 2007) que entram em consonância, ou não, com a memória coletiva social. A pregnância da imagem-afecção desenvolvida por Henri Bergson (2010) ajuda a entender a ação midiográfica que persiste na percepção deste presente desenvolvendo “um número maior ou menor de lembranças-imagens” capazes de constituir e impregnar significados na memória sobre o acontecimento.

Por que, ao menos há até pouco tempo, o portal da Folha ainda trazia no topo da sua página a frase “Primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa”? A lembrança do “pioneirismo” na agilidade dos meios online serviria para reafirmar uma postura institucional, que sustenta também outros valores como pluralismo e o serviço à sociedade.

Na realidade, aquilo que permite ao leitor consumir o mito inocentemente é o fato de ele não ver no mito um sistema semiológico, mas sim um sistema indutivo: onde existe apenas uma equivalência, ele vê uma espécie de processo causal: o significante e o significado mantêm, para ele, relações naturais. Pode exprimir-se esta confusão de um outro modo: todo o sistema semiológico é um sistema de valores; ora, o consumidor do mito considera a significação como um sistema de fatos: o mito é lido como um sistema fatural, quando é apenas um sistema semiológico (BARTHES In: NAHES, 1993, p.152).

O uso de substantivos, adjetivos e verbos, bem como os recursos estilísticos e o trânsito da informação por meio de agências de notícias formam as ferramentas fundamentais do jornalista que, contudo, as submete ao poder da imagem em circulação, que muitas vezes não ilustra os jornais, mas os determina num processo de semiose significativo, recortando os sentidos possíveis aos termos empregados.

Além da estrutura narrativa, o acontecimento é articulado entre temporalidades, tratado e visto como um projeto de futuro a partir do presente, dando uma significação que poderá influenciar nas escolhas dos leitores do jornal. É neste encontro entre imagem e texto que a mensagem se compõe e nela está implícito o público para o qual o jornal se destina, construído e agenciado em suas entrelinhas.

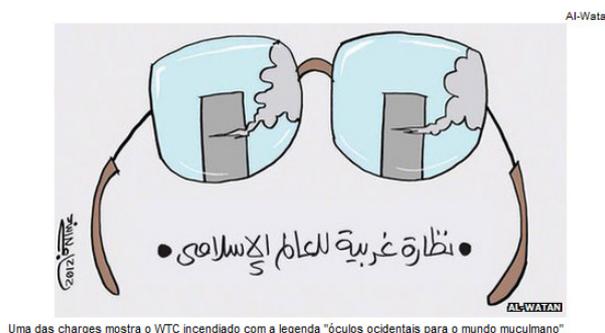
## **Imagens em tensão**

A mídia cada vez mais recorre às redes sociais digitais para relatos em cena. As pessoas estão mais habituadas a registrar suas experiências, e os jornais tem se aproveitado

desse conteúdo. A midiografia tem nesta testemunha, várias problemáticas a serem filtradas e investigadas e que, uma vez elencados os conteúdos, comporá o hipertexto na midiografia, um desafio reflexivo que se torna representação do acontecimento.

Sobre os desdobramentos e sentidos que a mídia elabora, nos voltaremos às imagens para entender um pouco mais esta representação midiográfica. A veiculação pelo portal *Folha.com* das imagens a seguir permite exemplificar o movimento da comunicação e a geração das notícias. A charge escolhida foi originalmente publicada pelo jornal da Arábia Saudita, que tem filial no Egito e é distribuído internacionalmente, o *Al-Watan*<sup>12</sup>. Posteriormente a charge foi reproduzida pela *BBC Brasil* e então replicada pela *Folha* – e desta, sujeita a continuar se espalhando legal ou ilegalmente para outros veículos, noticiosos ou não. Elas não foram produzidas durante os 18 dias de manifestações, mas colaboram na elucidação da circulação de informações do Oriente para o Ocidente.

O uso dessa charge foi uma forma do jornal *Al-Watan* responder aos discursos inquietantes reproduzidos a partir do filme estadunidense *Inocência dos Mulçumanos*<sup>13</sup>. O filme é de baixo orçamento e foi elaborado dentro dos Estados Unidos, mas a autoria da obra permanece desconhecida. Cerca de 15 minutos de seu conteúdo foi postado na plataforma *Youtube* em 2012 (com legenda em árabe), que foram o suficiente para nem precisar ser exibido em grandes salas de cinema e gerar grandes discussões e violentas manifestações de intolerância (por parte de alguns grupos mais radicais) pela caracterização do profeta Maomé.



<sup>12</sup> Disponível em: [www.al-watan.com](http://www.al-watan.com) Acesso em: 01/10/2012

<sup>13</sup> Saiba mais sobre vídeo que desencadeou ataques aos EUA. Acesso em: 01/10/2012. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/bbc/1152788-saiba-mais-sobre-video-que-desencadeou-ataques-aos-eua.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/bbc/1152788-saiba-mais-sobre-video-que-desencadeou-ataques-aos-eua.shtml)

Charge divulgada pela *Folha*: Jornal egípcio rebate cartuns que satirizam Maomé com charges.<sup>14</sup>

Sobre o formato charge, já pressupomos uma crítica contundente ligada à sua temporalidade. A despeito da imbricação do imaginário Ocidental e Oriental, vemos a perpetuação do tropo terrorista árabe nesta fração de discurso reproduzida a partir de uma inquietação em relação ao que se é produzido simbolicamente sobre “os árabes”.

O filme se vale de estereótipos e suas representações tiveram efeitos reais nas questões geopolíticas, além dos efeitos simbólicos de se afirmar um discurso generalizante como o que ocorreu. Alguns se manifestaram contra a veiculação das imagens, outros mais radicais, queimaram embaixadas dos Estados Unidos no Egito e na Líbia. No Cairo, invadiu-se a embaixada americana. O filme pode ter angariado adeptos ao radicalismo antiestadunidense ou ter preparado terreno para políticas sociais retrógradas que complicariam a relação dos Estados Unidos com tais países - filmes com este mesmo teor não são raros no pós-11 de Setembro. Vemos assim que a imagem ocupa um lugar estratégico em relação à tensão das representações, e compreendemos também como a posição das imagens (DIDI-HUBERMAN, 2008) tomam diferentes percursos até chegar naquele que as lê e toma ainda outros rumos depois dessas leituras.

O desejo de emitir julgamentos sobre questões de verossimilhança vem à tona especialmente em casos nos quais há protótipos reais para as personagens e situações, e quando o filme, a despeito de seu discurso em contrário, faz implicitamente - e é visto como - um comentário sobre a situação histórica/realista. (SHOAT e STAM, 2006, p. 262)

Após me debruçar sobre as revoltas no Egito, acredito que seja possível afirmar que a imprensa, de forma geral, advogou em favor do “milagre” tecnológico numa tentativa de dar às tecnologias uma autonomia que é própria da população. As sociedades civis egípcias simplesmente se revoltaram contra um regime opressivo e souberam se relacionar com as

<sup>14</sup> Folha de São Paulo Online. Acesso em 01/10/2012. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/bbc/1159641-jornal-egipcio-rebate-cartuns-que-satirizam-maome-com-charges.shtml?fb\\_action\\_ids=495311053812283&](http://www1.folha.uol.com.br/bbc/1159641-jornal-egipcio-rebate-cartuns-que-satirizam-maome-com-charges.shtml?fb_action_ids=495311053812283&)

tecnologias com suas capacidades discursivas gerando novas imagens com auto-representações. Mas alguns ocidentais se indagavam, acerca dos países árabes, que a vasta maioria da população só pode ser mobilizada pelo fundamentalismo religioso ou mesmo do nacionalismo, muito bem representada pela primeira charge que diz “óculos ocidentais para o mundo mulçumano”.

É este trânsito da história não contada e sua espetacularização que se formam as narrativas sobre o evento no Cairo. Através da brecha no bloqueio das redes de comunicações (primeiramente nas operadoras de celulares e, depois, na internet), as pessoas ocuparam a praça em protestos e narraram. Primeiro homens e jovens, depois muitas famílias foram em busca de informações de familiares e amigos e também para ajudar com alimentos e higiene do local. Mas porque que as pessoas foram para a Praça Tahrir? A praça é um lugar público, é a *Ágora da pólis* – a praça principal e esfera máxima do espaço público grego –, é o lugar da democracia, não há nada mais antigo do que praças como lugares de manifestações. E nada mais antigo e pós-moderno do que uma praça que se conecta com o mundo através das redes de comunicação virtual com o nome de Tahrir. Podemos acessar o *Google Maps*<sup>15</sup> e observar as construções públicas da “Praça da Liberdade” com as barracas montadas pelos manifestantes que a ocuparam. É na confusão do real e do virtual, pois as pessoas estão na manifestação narrando o que vivem, que se constitui um lugar de movimento, que também é um lugar de passagem, lugar das revoltas, lugar de experimentar a liberdade e também de sofrer a repressão policial. É desse lugar que as vozes ecoaram pelo ciberespaço. O movimento existiu, tomou proporções midiáticas e nas redes virtuais onde se criaram diferentes canais de difusão de informações e imagens para que o mundo também experimentasse o movimento dos 18 dias.

## Referências Bibliográficas

---

<sup>15</sup> [fb\\_action\\_types=og.recommends&fb\\_source=aggregation&fb\\_aggregation\\_id=288381481237582](http://goo.gl/maps/CxJgs)  
Disponível em: <http://goo.gl/maps/CxJgs>

ASSANGE, Julian; APPELBAUM, Jacob; MULLER-MAGUHN, Andy; ZIMMERMANN, Jérémie. **Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet**. Trad. Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo, 2013.

BÊDARIDA, François. Tempo Presente e Presença da História. In: **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. 1996

BERGSON, Henri. Do reconhecimento das imagens: a memória e o cérebro. In: **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Trad. Paulo Neves. 4ª. Ed. São Paulo, Ed. WMF Martins Fontes, 2010. p.83-153

BERNSTEIN. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al (orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 29-46.

CLEMESHA, Arlene. Brazil: Newcomer to the Region. In: **The Mediterranean Region in a Multipolar World - Evolving Relations with Russia, China, India and Brazil**. Mediterranean Paper Series. February, 2013. Disponível em: [www.gmfus.org/wp-content/blogs.dir/1/files/mf/1361299704BakhtinEtAl\\_MultipolarWorld\\_Feb13\\_web.pdf](http://www.gmfus.org/wp-content/blogs.dir/1/files/mf/1361299704BakhtinEtAl_MultipolarWorld_Feb13_web.pdf)  
Acessado em: 20/02/2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cuando las imagenes toman posicion: el ojo de la historia**, 1. Madrid: A. Machado Libros, 2008.

DUBOIS, Phillipe. Por uma estética da imagem de vídeo. In: **Cinema, vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac&Naify, 2004. p.69-95

DELALANDE, Nicolas et VICENT, Julien. Portrait de l'historien-ne en cyborg. **Revue d'histoire moderne et contemporaine**. 2011/5 n° 58-4bis, pages 5-29. ISSN 0048-8003

FLORES, Laura Gonzáles. As imagens de alta tecnologia como prática, ética e estética tecnoromântica. In: **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda (orgs.) São Paulo: Cortez, 2004. p.91-106.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História – possibilidades de análise. In: *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda (orgs.) São Paulo: Cortez, 2004. p.19-36.

NAHES, Semiramis. **Revista FON-FON: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945)** São Paulo: Arte & Ciência, 2007. Cap. Revista Fon-fon: a retórica do Estado Novo e a doutrinação da mulher (1937/ 1945) p. 133 –174.

POE, Edgar Allan. **O homem da multidão**. Trad. Francesa de Charles Baudelaire e notas de Walter Benjamin. Trad. Dorothée de Bruchard. Ed. PARAULA, 1993.

RICOEUR, Paul. O esquecimento. In: **A memória, a história, o esquecimento**. Unicamp, 2007. p.423-462.

RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. In: **Antropologia no ciberespaço**. RIFIOTIS, Theophilos [et al.] (orgs.). Florianópolis, Ed. UFSC, 2010.

SILVA, Sonia Meneses. **A operação midiográfica**: a produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação – a Folha de São Paulo e o golpe de 1964. Tese Doutorado em História. Universidade Federal Fluminense, 2011.

STEPAN, Alfred. A transição na Tunísia e a mútua tolerância. In: **Journal of Democracy**. Volume 1, Número 2, Outubro de 2012. Disponível em: [www.ifhc.org.br/wp-content/uploads/2012/11/Journal%20of%20democracy%20em%20portugu%C3%AAs\\_Vol2.pdf](http://www.ifhc.org.br/wp-content/uploads/2012/11/Journal%20of%20democracy%20em%20portugu%C3%AAs_Vol2.pdf) Acessado em: 14/02/2013.

### Ministério das Relações Exteriores

- Disponível em: [www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2011/02/03/itamaraty-condena-detencao-de-jornalistas-brasileiros-e-onu-diz-que-violencia-no-egito-e-inaceitavel/print](http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2011/02/03/itamaraty-condena-detencao-de-jornalistas-brasileiros-e-onu-diz-que-violencia-no-egito-e-inaceitavel/print)

Acesso em: 12/11/2012

- Disponível em: [www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/situacao-politica-no-egito](http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/situacao-politica-no-egito) Acesso em: 10/11/2012.

### Folha de S.Paulo online

- Al Jazeera diz que sua sede no Cairo foi destruída por gangues. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/mundo/870757-al-jazeera-diz-que-sua-sede-no-cairo-foi-destruida-por-gangues.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/mundo/870757-al-jazeera-diz-que-sua-sede-no-cairo-foi-destruida-por-gangues.shtml) Acesso em: 13/11/2012

- Conheça o site da Folha

Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/institucional/conheca\\_a\\_folhacom.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/institucional/conheca_a_folhacom.shtml)

Acesso em 01/10/2012.

- Folhaleaks

Disponível em: <http://folhaleaks.folha.com.br/> Acesso em: 01/02/2013.

### "Primavera Árabe" no ciberespaço: o Egito em 18 dias.

Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=7OV253142BE&feature=share&list=UUHsqKBWV5aQovC2g5f\\_OyDA](http://www.youtube.com/watch?v=7OV253142BE&feature=share&list=UUHsqKBWV5aQovC2g5f_OyDA)

## Resumo:

Este trabalho analisa algumas das dimensões das manifestações no Egito, inseridas na conjuntura das revoltas ocorridas no norte da África e Oriente Médio em 2011. A “Primavera Árabe” foi agenciada também pela veiculação de narrativas e imagens por parte de setores diversos da comunicação no ciberespaço. Investiga-se como algumas destes discursos e imagens são representados no portal de notícias da *Folha de S.Paulo*. Os manifestantes envolvidos na fabricação de novos simbolismos também alimentam sentimentos de pertencimento ao Egito em transformação. Assim, como se estruturam os discursos que tentam organizar este acontecimento sobre os dezoito dias? Nesse período, essas fontes agenciaram representações que, através da partilha de imagens e experiências, denunciaram não apenas as violências do governo autoritário de Hosni Mubarak ao longo de trinta anos para o mundo, mas também demonstraram organizações sociais políticas para além do fundamentalismo religioso. Além disso, em algumas sociedades do Oriente é proibido expor as mulheres às perscrutações da imagem e muitas delas vivem sob o regime da não visibilidade. O acesso à visibilidade – de uma massa homogênea de manifestantes às mulheres lúcidas de suas condições políticas –, por si só promoveu uma individualidade pluralizada na contraforça das imposições e abusos que muitas foram submetidas nas revoltas. Com a imprensa e as novas ferramentas das redes de comunicação social digital pode-se vislumbrar os diferentes processos de difusão e expressão das articulações que organizaram o evento dos 18 dias. Há uma variedade imprevisível de modos de criação e veiculação pela teia cibernética e seus discursos podem tanto promover o distanciamento, como também incentivar outras conexões. Tal condição situa a problemática deste trabalho nas tensões simbólicas dos diferentes regimes de historicidades e visualidades, e nos conflitos que se estabelecem no tempo presente que pretendem constituir os rastros da história. É este trânsito da história não contada e sua espetacularização é que se formam as narrativas sobre o evento no Cairo que contribuem com a expansão de sistemas discursivos sedimentados em regimes de descentralização e desterritorialização político e cultural no Egito contemporâneo.